



Desafios e Contribuições do Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica: Um Olhar sobre a Prática Formativa

RESUMO

O estágio supervisionado em psicopedagogia clínica configura-se como uma etapa fundamental na formação do psicopedagogo, por possibilitar a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso, promovendo o desenvolvimento de habilidades profissionais essenciais. Sendo assim, a relevância reside na oportunidade de vivência direta com os sujeitos em processo de aprendizagem, permitindo a compreensão ampliada das dificuldades e dos recursos cognitivos, socioemocionais e sociais envolvidos. O objetivo do estágio é capacitar o estagiário para identificar, avaliar e intervir nos transtornos e dificuldades de aprendizagem, por meio de uma abordagem ética, crítica e transdisciplinar. A metodologia adotada nesta experiência envolveu a realização de atendimentos clínicos sob supervisão, além de revisão narrativa de literatura com autores como Gil (2008), Lakatos e Marconi (2003), Popper (1975) e Pinguelli (2006), articulando fundamentos teóricos com a prática cotidiana. A abordagem da pesquisa foi qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, permitindo a análise dos casos atendidos com base em registros, entrevistas e observações. Também foram utilizados instrumentos psicopedagógicos e atividades lúdicas adaptadas à realidade dos sujeitos. Os resultados demonstraram a importância do vínculo terapêutico e da escuta qualificada para o avanço dos processos de aprendizagem e o fortalecimento da autoestima dos atendidos. Verificou-se que intervenções planejadas e individualizadas podem promover mudanças significativas no comportamento e desempenho escolar. Portanto, o estágio supervisionado em psicopedagogia clínica é um espaço privilegiado de formação, no qual a teoria se encontra com a prática, promovendo a construção de um saber-fazer sensível, ético e transformador.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Psicopedagogia Clínica; Prática psicopedagógica; Formação psicopedagógica; Intervenção psicopedagógica.

Desafíos y aportes de la pasantía supervisada en psicopedagogía clínica: una mirada a la práctica formative

RESUMEN

La práctica supervisada en psicopedagogía clínica es una etapa fundamental en la formación del psicopedagogo, ya que posibilita la aplicación práctica de los conocimientos teóricos adquiridos a lo largo de la carrera, promoviendo el desarrollo de competencias profesionales esenciales. Por tanto, la relevancia radica en la oportunidad de una experiencia directa con los sujetos en proceso de aprendizaje, permitiendo una comprensión más amplia de las dificultades y recursos cognitivos, socioemocionales y sociales involucrados. El objetivo de la pasantía es formar al pasante para identificar, evaluar e intervenir en los trastornos y dificultades del aprendizaje, mediante un enfoque ético, crítico y transdisciplinar. La metodología adoptada en esta experiencia implicó la realización de atención clínica bajo supervisión, además de una revisión narrativa de la literatura con autores como Gil (2008), Lakatos y Marconi (2003), Popper (1975) y Pinguelli (2006), articulando fundamentos teóricos con la práctica diaria. El enfoque de la investigación fue cualitativo, exploratorio y descriptivo, permitiendo el análisis de los casos atendidos con base en registros, entrevistas y observaciones. También se utilizaron instrumentos psicopedagógicos y actividades lúdicas adaptadas a la realidad de los sujetos. Los resultados demostraron la importancia del vínculo



terapêutico y la escucha calificada para avanzar en los procesos de aprendizaje y fortalecer la autoestima de los atendidos. Se ha descubierto que las intervenciones planificadas e individualizadas pueden promover cambios significativos en el comportamiento y el rendimiento escolar. Por tanto, la práctica supervisada en psicopedagogía clínica es un espacio privilegiado de formación, en el que la teoría se encuentra con la práctica, promoviendo la construcción de un saber hacer sensible, ético y transformador.

Palabras-clave: Prácticas supervisadas; Psicopedagogía Clínica; Práctica psicopedagógica; Formación psicopedagógica; Intervención psicopedagógica.

Challenges and Contributions of Supervised Internship in Clinical Psychopedagogy: A Look at Training Practice

ABSTRACT

The supervised internship in clinical psychopedagogy is a fundamental stage in the training of psychopedagogues, as it enables the practical application of theoretical knowledge acquired throughout the course, promoting the development of essential professional skills. Therefore, the relevance lies in the opportunity for direct experience with subjects in the learning process, allowing for a broader understanding of the difficulties and cognitive, socio-emotional and social resources involved. The objective of the internship is to train the intern to identify, assess and intervene in learning disorders and difficulties, through an ethical, critical and transdisciplinary approach. The methodology adopted in this experience involved the provision of clinical care under supervision, in addition to a narrative review of literature with authors such as Gil (2008), Lakatos and Marconi (2003), Popper (1975) and Pinguelli (2006), articulating theoretical foundations with daily practice. The research approach was qualitative, exploratory and descriptive, allowing the analysis of the cases treated based on records, interviews and observations. Psychopedagogical instruments and recreational activities adapted to the subjects' reality were also used. The results demonstrated the importance of therapeutic bonding and qualified listening for advancing learning processes and strengthening the self-esteem of those assisted. It was found that planned and individualized interventions can promote significant changes in behavior and school performance. Therefore, the supervised internship in clinical psychopedagogy is a privileged space for training, in which theory meets practice, promoting the construction of sensitive, ethical and transformative know-how.

Keywords: Supervised internship; Clinical Psychopedagogy; Psychopedagogical practice; Psychopedagogical training; Psychopedagogical intervention.

INTRODUÇÃO

O estágio de Psicopedagogia pode proporcionar um crescimento profissional e pessoal, pois possibilita a vivência da teoria na prática. Vivenciar o dia a dia do psicopedagogo na prática, dar assistência aos professores e a outros profissionais da instituição escolar para melhoria das condições do processo de ensino e do processo de aprendizagem, assim como para prevenção dos problemas de aprendizagem. Cabe destacar que a psicopedagogia uma área que estuda a apropriação e as dificuldades do indivíduo em relação ao aprendizado buscando maneiras que facilite esse processo, sendo assim surgiu com o intuito de ajudar as pessoas com problemas de aprendizagem, e seus ramos de atuação situam-se, sobretudo, nas ações preventivas em instituições e na clínica com atendimentos individualizados (Bossa, 2011).

O estágio supervisionado em Psicopedagogia Clínica representa uma etapa fundamental na formação do psicopedagogo, pois possibilita a articulação entre os conhecimentos teóricos construídos ao longo da trajetória acadêmica e a prática efetiva no atendimento a sujeitos em



sofrimento no processo de aprendizagem. É nesse espaço que o futuro profissional tem a oportunidade de desenvolver uma escuta qualificada, realizar observações criteriosas, aplicar instrumentos psicopedagógicos e construir intervenções individualizadas, sempre com o apoio da supervisão técnica e ética.

A psicopedagogia propõe-se a buscar uma resposta para os conflitos na aprendizagem com técnicas de trabalho que podem ser desenvolvidas de maneira individual ou em grupo, para assim resgatar a vontade de aprender, de modo a observar quais fatores, possivelmente, podem contribuir ou não para a processo de ensino e de aprendizagem.

Por ser uma ação complexa, o processo de ensino e de aprendizagem, faz-se necessário o aprofundamento das questões que estão intrínsecas nesse processo. O papel do psicopedagogo fundamenta-se, sobretudo, nas dificuldades que podem acontecer nesse processo, de maneira que o mesmo, provavelmente, possa desvelar os obstáculos que estão impedindo o sujeito de aprender para que consiga, assim, oportunizar possíveis meios para intervir adequadamente junto ao problema.

Durante o estágio, o discente entra em contato direto com a realidade do contexto clínico, enfrentando desafios concretos como a elaboração de hipóteses diagnósticas, a escolha de estratégias terapêuticas e o estabelecimento de vínculos com os atendidos e as famílias. Esse processo é enriquecido pela supervisão, que oferece momentos de reflexão crítica, discussão de casos e orientação metodológica, promovendo o amadurecimento profissional e o fortalecimento de uma postura ética, empática e investigativa.

Além de favorecer o desenvolvimento de competências específicas da atuação clínica, o estágio supervisionado contribui para a construção da identidade profissional do psicopedagogo. Ao vivenciar diferentes demandas e perfis de sujeitos, o estagiário amplia a compreensão sobre a complexidade dos fatores que influenciam o processo de aprendizagem e se prepara para atuar com responsabilidade, sensibilidade e compromisso social diante das múltiplas realidades educacionais e subjetivas com as quais irá se deparar na prática futura.

Sendo assim, para uma atuação efetiva é necessário que o profissional tenha uma vivência e um conhecimento sobre os vários obstáculos que impedem o processo de ensino e de aprendizagem, e buscar meios para que esse processo se desenvolva naturalmente e no momento certo.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida, por meio de uma combinação entre revisão de literatura narrativa e pesquisa de campo, com o intuito de aprofundar a compreensão teórico-prática sobre o estágio supervisionado em psicopedagogia clínica. A articulação entre essas duas abordagens metodológicas proporcionou uma visão mais abrangente, conectando os referenciais acadêmicos às experiências vivenciadas no contexto clínico. De acordo com Gil (2008), a pesquisa de campo busca investigar os fatos conforme ocorrem na realidade, o que foi essencial para a análise do cotidiano do estágio supervisionado.

A revisão narrativa da literatura teve como finalidade sistematizar os principais conceitos e fundamentos da prática psicopedagógica, especialmente aqueles que embasam a atuação clínica durante o estágio supervisionado. Essa abordagem, segundo Lakatos e Marconi (2003), é caracterizada pela flexibilidade na seleção e análise de fontes, permitindo ao pesquisador construir um panorama amplo, crítico e contextualizado sobre o tema. Foram utilizadas obras clássicas e recentes que discutem a psicopedagogia clínica, os processos de intervenção e os fundamentos éticos e teóricos da prática.

Paralelamente, a pesquisa de campo foi realizada a partir da observação participante e de registros reflexivos feitos durante o estágio, com base em atendimentos psicopedagógicos



supervisionados. Essa etapa teve caráter descritivo e exploratório, conforme classificação de Gil (2008), pois objetivou não apenas descrever os procedimentos e estratégias utilizadas, mas também explorar aspectos subjetivos, relacionais e institucionais que emergem no processo de intervenção clínica. A natureza exploratória permitiu identificar padrões e levantar hipóteses a respeito da prática psicopedagógica.

A investigação também pode ser caracterizada como básica e estratégica. Segundo Pinguelli (2006), a pesquisa básica visa gerar conhecimento novo, sem aplicação imediata, mas com alto potencial de impacto na área científica e profissional. Ao analisar o estágio em psicopedagogia clínica à luz dos referenciais teóricos e da prática observada, a presente pesquisa busca oferecer contribuições que possam orientar tanto a formação quanto o exercício profissional da psicopedagogia, além de fornecer subsídios para a melhoria da qualidade dos atendimentos.

Para fundamentar as escolhas metodológicas e os critérios de análise, foram mobilizadas concepções epistemológicas como as de Popper (1975), que defende a ciência como um processo de conjecturas e refutações. Essa perspectiva orientou o olhar crítico sobre os dados obtidos na prática clínica e os discursos encontrados na literatura, permitindo uma constante revisão das interpretações à luz de novas evidências e reflexões. O conhecimento foi assim construído por meio do confronto entre teoria e prática, hipótese e observação, generalização e particularidade.

Durante a pesquisa, foram utilizados instrumentos como diários de campo, registros de atendimentos, supervisões clínicas e fichas de acompanhamento psicopedagógico. Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa, respeitando os princípios éticos da confidencialidade e do anonimato. A análise procurou identificar categorias temáticas emergentes, que representassem os desafios, avanços e aprendizados vivenciados no estágio clínico, conectando essas categorias aos referenciais teóricos levantados na revisão bibliográfica.

A metodologia adotada proporcionou uma compreensão integrada entre teoria e prática, essencial para a formação crítica e reflexiva do estagiário em psicopedagogia clínica. A articulação entre a revisão narrativa e a pesquisa de campo permitiu não apenas descrever experiências, mas também interpretá-las à luz de autores consagrados como Gil, Lakatos, Marconi, Pinguelli e Popper. Dessa forma, a investigação contribui para a consolidação da psicopedagogia como um campo de saber e prática comprometido com o desenvolvimento humano em contextos clínicos e educacionais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estágio supervisionado em Psicopedagogia Clínica, foi desenvolvido na Escola de Educação Especial São Francisco de Assis, se localiza na Rua Benedito Moura nº:35 Jardim Miracatu, na cidade de Miracatu, Estado de São Paulo, CEP:11850000. A escola atende Pré-escola – Educação Especial- Particular, Ensino Fundamental- Anos Iniciais- Educação Especial- Particular, Programa Socioeducacional - 15 a 29 anos e 11 meses, crianças, adolescentes, jovens e adultos com Deficiência Intelectual (DI); Transtorno do Espectro Autista (TEA); Deficiência Física, em fator da Paralisia Cerebral, quando associada a Deficiência Intelectual; e Deficiência Múltipla também associada à Deficiência Intelectual.

Períodos da Manhã e Tarde, no horário das 8h:00m a 12h:00m e das 13h:00m a 17h:00m, possuem 16 funcionários sendo 9 Professores, 94 alunos, 5 salas de aula, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), a escola é dividida em três blocos; Bloco A com quatro salas de aula, Bloco B: 1 sala de aula, refeitório e corredor, Bloco C: cozinha, sala de informática, banheiro, sala da direção e coordenação, secretária e corredor.

A escola faz uso de materiais pedagógicos, materiais didáticos, mobiliário e recursos de acessibilidade específicos. Ações e formas de comunicação mais funcionais, com objetivo social para utilizar e desenvolver a autonomia para tarefas de rotina respeitando as regras do cotidiano.



Uma ferramenta utilizada pelo professor é a participação da psicomotricidade, que permite através de jogos, do faz de conta e atividades lúdicas estimulem o contato com outros.

As regências é uma troca de conhecimentos e experiência da teoria ou prática. As oficinas de leitura, artes, teatro, filmes são realizados com estímulos para o desenvolvimento de habilidades que serão essenciais para autonomia.

Nas reuniões pedagógicas são avaliados o andamento do processo de ensino e os conselhos de classe acontecem de forma avaliativa onde são discutidos a aprendizagem dos alunos, desempenho dos docentes, as estratégias de ensino empregadas.

Cabe destacar que escola tem uma equipe técnica (organograma – quantos são e suas funções na escola): 1- Assistente Social que é a responsável pelo estudo do ambiente socioeconômico e cultural da escola, família e comunidade, propondo e executando ações e mecanismos que visem à orientação e integração família-escola-comunidade; 2- Psicóloga que tem por função contribuir no processo de avaliação de forma interdisciplinar e multidisciplinar fornecendo subsídios básicos para organização dos atendimentos, orientação aos alunos, às famílias e aos professores, contribuindo para o equilíbrio e o ajustamento nas relações entre aluno, professor, família e comunidade; 3- Nutricionista que tem por finalidade contribuir no trabalho interdisciplinar existente na escola, visando o planejamento e orientação do cardápio, estabelecendo as quantidades e qualidades de alimentos de acordo com o número de lanches e refeições a serem servidas.

A escola São Francisco de Assis incorpora metodologias participativas, que incluem as necessidades e os desejos dos usuários, a proposta pedagógica e a interação com as características ambientais. Dentre as necessidades dos usuários, em geral, destaca-se o conceito de escola inclusiva, isto é, ambientes planejados para assegurar acessibilidade universal, na qual autonomia e segurança são garantidos às pessoas com deficiências e transtorno do espectro autista, sejam elas crianças, professores, funcionários ou membros da comunidade.

Todo esse processo demanda a formação de uma equipe interdisciplinar que envolve professores, professores-auxiliares, psicólogo, assistente social, nutricionista, educador social, cuidador escolar, servente, merendeira, gestores, coordenação e representantes da comunidade, permitindo que os diferentes saberes e objetivos sejam por eles compartilhados.

Os professores, junto com as crianças, preparam o ambiente educacional, organiza-o a partir do que sabe que é bom e importante para o desenvolvimento de todos e incorpora os valores culturais das famílias em suas propostas pedagógicas, fazendo-o de modo que as crianças possam ressignificá-los e transformá-los. O estudante pode e deve propor, recriar e explorar o ambiente, modificando o que foi planejado.

O colégio São Francisco de Assis é uma escola pequena, porém com uma infraestrutura excelente. As técnicas pedagógicas são envolvidas por profissionais qualificados em suas respectivas áreas.

Aos estudantes com deficiência e/ou transtorno do espectro autista, além da acessibilidade, são oferecidos um currículo adaptado e funcional, de acordo com o Currículo Paulista, cuidador e professor-auxiliar.

O coordenador pedagógico participa da elaboração de instrumentos de entrada, acompanhamento e avaliação dos alunos, junto com a equipe docente. Elabora o plano de ação anual da área que coordena, orientando, acompanhando e avaliando a sua execução.

Coordena as reuniões pedagógicas e promove grupos de estudo por meio do HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo) e do HPTI (Horário de Trabalho Pedagógico Individual).

Participa da elaboração de projetos que viabilizem a implantação de novos programas ou o aprimoramento dos já existentes. O coordenador pedagógico promove o aperfeiçoamento dos profissionais sob sua responsabilidade, propondo e viabilizando a participação em eventos



científicos e pedagógicos. Mantém o contato com os pais, realizando eventos periódicos, que possibilitem integrá-los aos serviços e atividades promovidos pela escola.

Quanto aos materiais pedagógicos, é de excelente qualidade, funcional e bastante utilizado pelos professores.

Durante o estágio foram realizadas 15 sessões, com um estudante do ensino fundamental, de 9 anos de idade, com deficiência intelectual e múltipla (estudante M). Foram realizadas uma entrevista com o estudante para conhecê-lo e estreitar os laços com o psicopedagogo. Segundo Weiss (2001, p. 61), o objetivo da entrevista é “colher dados significativos sobre a história de vida do paciente”. Dados como os hábitos, comportamento, fatos, entre outros, que poderão identificar ou dar pistas do que poderá estar desenvolvendo na criança está dificuldade na aprendizagem.

Na entrevista realizada com (M), ele afirmou que o que mais gosta de fazer é de assistir TV, ouvir música, fazer as tarefas de casa e ajudar a vovó. E o que menos gosta é de dar banho no cachorro (porque dava muito trabalho). O esporte favorito é a corrida de carro e o maior medo é do leão. M recebe os amigos em casa para brincar. Nos finais de semana vai passear nas casas dos amigos, antevendo claramente, que a família de M é bem social, tendo um bom nível de relacionamento.

Durante a realização da entrevista com M foi possível observar que ele era dispersivo. O tempo todo fica olhando os lados querendo que a entrevista terminasse o mais rapidamente possível. Outro fator observado é que ele não conseguiu lembrar o nome da sua professora (fato raro nesta fase educacional) e nem o sobrenome do Pai.

Evidenciou-se na entrevista a forte influência que a mãe tem sobre M em todos os momentos, mesmo quando da realização de passeios ou mesmo em visitas a amigos, fato este, positivos e, em alguns casos, negativo, principalmente quando da solução dos problemas, como fica comprovado quando M afirma que “não gosta de fazer atividades porque não recebia ajuda da tia”, corroborado pela resposta de M quanto à realização das tarefas de casa, que eram realizadas, em sua maioria pela mãe e pela avó, atividades essas ligadas ao currículo funcional.

Depois de realizada a entrevista com o estudante, solicitei ao diretor pedagógico e a coordenadora se seria possível realizar entrevista com o responsável do estudante, cabe destacar que os responsáveis pedagógicos atenderam o meu pedido e solicitaram ao responsável que pudesse vir à escola. Sendo assim, foram realizadas a entrevista com a mãe do respectivo estudante.

A mãe, ao ser entrevistada, relatou que o filho M veio de uma gravidez relativamente normal (exceto uma alergia que a mãe sofreu), nasceu prematuramente de 8 (oito) meses: foi necessária a realização de uma cesariana urgente, pois a bolsa havia se rompido. Durante a entrevista foi possível perceber que a mãe tem o controle absoluto da vida de M. Trouxe-me um álbum de fotos com todos os detalhes dos seus primeiros anos de vida como, por exemplo: mechas do seu cabelinho, e deixando bem claro que o pai não era presente.

Está por ser muito protetora e ter se sentido na obrigação de preencher todos os espaços deixados pela ausência do pai, acabou atropelando o processo natural de crescimento de M, contribuindo para que ele se mantenha imaturo. Em relação a este fato, Winnicott (1995, p. 188), menciona que:

a dinâmica é o processo de crescimento, sendo este herdado por cada indivíduo. Toma-se como certo, aqui, o meio ambiente facilitador e suficientemente bom que, no início do crescimento e desenvolvimento de cada indivíduo, constitui um *sine qua non*. Há genes que determinam padrões e uma tendência herdada a crescer e a alcançar a maturidade. Entretanto, nada se realiza no crescimento emocional, sem que esteja em conjunção ao ambiente facilitador, que tem de ser suficientemente bom.

Segundo a mãe a criança dorme bem, se alimenta normalmente, só manifesta nervosismo diante de algumas situações em que ela não consegue lidar ele, nas demais situações demonstra ser



calma, reagindo normalmente. Em relato, a mãe disse que é estabelecida uma rotina com horários e deveres que M precisa cumprir, e isto é cobrado dele normalmente. Segundo a mãe, ele se relaciona bem com família, com os amigos e na escola.

Logo, ao finalizar as entrevistas com o estudante e sua mãe, iniciei o preparo para o desenvolvimento

das oficinas psicossocioeducativas, sendo três avaliativas: duas com jogos e uma com atividade expressiva (desenho). Utilizou-se com M nas duas sessões a hora do jogo, com o intuito de despertar no estudante a curiosidade e o imaginário diante do desconhecido. Na primeira realização M mostrou-se muito agitado e em algumas vezes queria parar o jogo, contudo depois da intervenção e quando percebeu como deveria agir, demonstrou-se interessado e conseguiu realizar o jogo nas duas sessões. Portanto, de acordo com Macedo (2005, p. 27) no contexto de oficinas, seja nas instituições de ensino ou nos espaços psicopedagógicos, o jogo favorece a construção do conhecimento, além de “despertar o interesse e prender a atenção” das crianças. Para esse autor, “mesmo as atividades mais formais podem dar prazer” e despertar a curiosidade do sujeito quando realizadas por meio de jogos e desafios. Pois, nos espaços terapêuticos e de aprendizagem, o jogo representa muito mais que diversão ou o ato de perder ou ganhar (Macedo, 2005). É a partir do jogo que o sujeito poderá tomar consciência das suas potencialidades, bem como desencadear e/ou resgatar o desejo pelo aprender, muitas vezes adormecido.

Na última sessão da avaliação, fora trabalhado a prova projetiva, ou seja, uma sessão com a produção de dois desenhos. M conseguiu realizar a atividade sem nenhuma intervenção, apenas com a explicação inicial, ao final relatou que gosta muito de desenhar e que uma parede de seu quarto foi desenhada por ele e que na próxima ‘aula’ traria uma foto da parede com os desenhos para me mostrar.

Após finalizar a oficina psicossocioeducativa de avaliação, iniciei a oficina psicossocioeducativa de intervenção com jogos, brincadeiras e atividades expressivas, sendo dividida em: cinco sessões com jogos, duas com brincadeiras e três de atividades expressivas.

Cabe enfatizar que no intuito de considerar a singularidade de cada sujeito na construção do conhecimento, que o jogo como recurso nas oficinas psicopedagógicas têm sido instrumento potente na avaliação e na intervenção das dificuldades de aprendizagem.

Nesse sentido, existe uma linguagem simbólica presente nos jogos de exercício e de regras, assim como existe regra e exploração/repetição nos jogos simbólicos ou de faz-de-conta. De acordo com Macedo, Petty e Passos (1997, p. 141):

o jogo é uma prova de intimidade e por isso de conhecimento. É o que nos ensinam as crianças, as populações primitivas, os artistas, os cientistas e nós mesmos em muitos momentos. Quem joga pode chegar ao conhecimento por meio dos exercícios, símbolos e regras, ou das próprias características do jogo.

Nessa perspectiva, as intervenções psicopedagógicas com jogos visam favorecer uma maior consciência do sujeito acerca das suas capacidades para aprender, modificando atitudes e desenvolvendo habilidades cognitivas fundamentais para que ele possa lidar com os desafios presentes nos diferentes contextos educativos.

Sendo assim, foram utilizados para as cinco sessões com jogos, os seguintes: o jogo das quatro cores; o jogo do rabisco; o jogo de dominó. Nas cinco sessões nesse contexto do jogo que foi possível trabalhar diferentes formas de vínculo, estilos de comunicação, formas de enfrentar os conflitos, que estão localizadas no lúdico, mas que remetem às modalidades da vida real, de modo que a reflexão sobre as estratégias e caminhos desenvolvidos no jogo também abrem espaço para uma maior compreensão e posterior modificação das ações, se necessário. M realizou os jogos e observou-se que na primeira sessão da intervenção, ele apresentou resistência, contudo ao decorrer



da segunda sessão, pudemos construir um vínculo e assim, M nas outras sessões já estava interagindo mais.

A estratégia de intervenção psicopedagógica, por meio de jogos considerou as características do sujeito como um todo, a fim de identificar quais elementos serão mais favoráveis para a proposta, já que alguns casos demandam jogos de natureza mais simbólica, em outros jogos de estratégia, jogos de corpo, jogos de construção, entre outros.

No que tange ao jogo de quatro cores, conforme Macedo, Petty, Carvalho e Souza (2014), o trabalho com esse tipo de jogo propõe o desenvolvimento de habilidades mentais que favorecem uma maior intencionalidade e planejamento, coordenando diferentes ações e considerando diferentes pontos de vista. Ao considerarmos a história do jogo, compreendemos que a sua regra básica consiste em colorir um mapa ou uma figura com apenas quatro cores, sem que as cores iguais fiquem vizinhas ou façam fronteira. Sendo assim, M teve dificuldade em realizar no início, contudo com as intervenções necessário conseguiu finalizar com êxito.

O jogo de rabisco traz uma grande abertura para adaptações, considerando o contexto e a necessidade dos indivíduos onde ele será aplicado ou proposto. O jogo, descrito por Winnicott (1968; 1984), pediatra e psicanalista inglês, em seus textos “O Jogo do Rabisco” e “Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil” (Winnicott, 1968; 1984 apud Mazzolini, 2007, p. 507) traz a possibilidade de oferecermos, tanto na clínica psicoterapêutica, como nos espaços educativos e/ou psicopedagógicos, experiências significativas de troca, de descobertas e ressignificações acerca de nós mesmos e dos outros. O jogo consiste em continuar o rabisco da outra pessoa (participantes de um mesmo grupo ou somente sujeito e terapeuta, alternando as suas folhas), de acordo com o tempo estipulado/combinado ou marcado/sinalizado pelo terapeuta/educador.

Portanto, essa ferramenta no espaço psicopedagógico possibilitou o desenvolvimento da flexibilidade, resiliência e criatividade, de M na aprendizagem, como a minha, quando participei da atividade. Dar forma a algo que o outro começou, não é uma tarefa fácil. É preciso flexibilizar ações, controlar a impulsividade, distanciar-se da obra e refletir sobre o que ela lhe comunica. Mesmo com dificuldade M conseguiu realizar. Cabe ressaltar que, nesse espaço psicopedagógico não coube interpretações acerca dos desenhos. Os recursos utilizados foram sempre uma maneira lúdica e significativa favorecendo o contato de M consigo próprio, no sentido de identificar o modo como aprende, bem como as suas dificuldades e potencialidades nesse percurso de aprendizagem. Para (Alessandrini; Nascimento, 1999), indivíduos diferentes podem enxergar formas diferentes, mesmo olhando para a mesma imagem. Essa é a riqueza das atividades expressivas, onde cada sujeito, ao olhar para uma obra de arte, enxerga um pouco de si mesmo (Martins, 1996).

Sendo assim, ao finalizar as sessões com os jogos, iniciei as duas sessões com brincadeira. Ao brincar, a criança usa os movimentos para interagir com o espaço, e descobre e explora o ambiente por meio do seu corpo, adquirindo habilidades motoras e socioafetivas que, se tempos atrás eram desenvolvidas espontaneamente em brincadeiras na rua, junto com os amigos, formando uma base para o aprendizado das habilidades mais complexas, atualmente são parte do que deve ser estimulado e desenvolvido na escola (Kishimoto, 2011), envolvendo estratégias para o trabalho de equilíbrio, de ajustes tônicos e posturais, lateralidade, estrutura espacial e orientação temporal, ou seja, “é preciso, portanto, para que as crianças tenham condições de aprender e se desenvolver, garantir os direitos de aprendizagem: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar-se e Conhecer-se” (BNCC, 2017, p. 25).

M demonstrou muito interesse quando foi apresentado a brincadeira com pão e batata quente, as duas brincadeiras propiciaram a M, momento de divertimento e prazer, ficando evidente que ressoaram seus afetos, sentimentos e emoções, bem como a sua história como sujeitos/aprendiz, possibilitando que se possa construir práticas mais humanizadas e libertadoras (FREIRE, 2019) dentro e fora dos contextos educacionais.



Arcuri (2002, p. 65 apud Carrieri, 2004, p. 103), “o corpo é um canal eficiente de expressão dos nossos sentimentos. Portanto, é importante olhar as mensagens gestuais e posturas enviadas por esse corpo.” Nessa perspectiva, sabemos como não é difícil identificar o que o corpo do outro nos diz, a partir dos movimentos que ele executa ou mesmo pelas suas expressões faciais. Nem sempre é preciso dizer, o corpo fala por nós.

A partir dessa perspectiva, fora utilizado três sessões de atividade expressiva usando instrumento musical. Logo, M precisava representar no papel seus sentimentos e/ou o que sentia depois que ouvia a música ou o som feito.

Para Oaklander (1980, p. 136), “permitir que os sons penetrem nossa consciência é o primeiro passo para tomar contato com o mundo, o início da comunicação”. Desde que nascemos, estamos sempre rodeados de sons. Eles podem ser agradáveis ou desagradáveis, agudos, barulhentos ou acolhedores.

Portanto, o corpo, atravessado pela subjetividade e pela historicidade do sujeito, também se manifesta a partir das histórias narradas (as suas próprias, das outras pessoas e da literatura). É por meio do lúdico, da imaginação e do faz-de-conta que as histórias despertam no sujeito o desejo de aprender, favorecendo o desenvolvimento da linguagem (Rubinstein, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio proporcionou o contato íntimo e direto com o que até então estava apenas no teórico, proporcionando um suporte básico necessário, ainda não totalmente abrangente, para o desenvolvimento adequado do estudante e as potencialidades. Tais contatos proporcionam importantes compreensões do ambiente escolar, na organização e prática, além de saber mais sobre a psicopedagogia com ciência.

O estagiário tem a possibilidade de interagir e verificar as práticas e recursos pedagógicos disponíveis aos estudantes e o uso. A educação infantil embora vista como contexto de socialização também habilidades motora, imaginativa e de criatividade.

As experiências vivenciadas no estágio em psicopedagogia clínica evidenciam a importância desse momento formativo como espaço privilegiado de articulação entre teoria e prática. Ao acompanhar casos reais sob supervisão, o estagiário tem a oportunidade de desenvolver habilidades técnicas, ampliar a escuta sensível e aprofundar a compreensão dos processos de aprendizagem e os possíveis bloqueios. O estágio permite, ainda, o exercício da ética profissional, da empatia e do respeito à singularidade de cada sujeito atendido, favorecendo o amadurecimento pessoal e profissional.

Durante o estágio, torna-se evidente que a atuação clínica do psicopedagogo vai além da aplicação de instrumentos diagnósticos e intervenções técnicas. Ela exige reflexão constante, leitura contextualizada dos casos e capacidade de diálogo com outros saberes e profissionais. A supervisão desempenha papel central nesse processo, pois oferece um espaço de análise crítica das ações realizadas, contribuindo para a construção de um olhar mais apurado, ético e fundamentado sobre o fazer psicopedagógico.

Porquanto, na escola inclusiva todas as crianças devem aprender juntas, sempre que é possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas dos estudantes, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos, por meio de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades.

Os direitos e deveres das pessoas com deficiência como parte constituinte de nossa sociedade, traz a reflexão sobre todo o processo de inclusão no contexto social, e o direito a Educação, leva-nos a buscar estratégias que assegure não só o acesso dos estudantes com



deficiência as escolas, mas, sobretudo, sua permanência e estratégias que os possibilitem condições com os demais membros dela.

Portanto, o estágio supervisionado em psicopedagogia clínica é um momento essencial para a formação de profissionais comprometidos com a transformação das dificuldades de aprendizagem em possibilidades de desenvolvimento. Ele proporciona ao futuro psicopedagogo a vivência concreta dos desafios da clínica e, ao mesmo tempo, fortalece a identidade profissional. Assim, o estágio não apenas consolida saberes já adquiridos, mas também desperta novas inquietações e caminhos para a atuação consciente, crítica e humanizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLESSANDRINI, C. D. *Oficina criativa e psicopedagogia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

ALLESSANDRINI, C. D.; NASCIMENTO, L. S. Desvendando a experiência criadora. In: ALLESSANDRINI, C. D. (org.). *Tramas criadoras na construção do ser si mesmo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 31-43.

BARBOSA, L. M. S. Psicopedagogia em grupo, no grupo e com o grupo: para além da patologização. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 26, n. 80, p. 325-336, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000200017. Acesso em: 14 abr. 2022.

BEAUCLAIR, J. (A)cerca do aprender e do ensinar: fios, teias e redes como metáforas em subjetividade, aprendizagem e psicopedagogia. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 24, n. 75, p. 260-271, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000300006. Acesso em: 14 abr. 2022.

BEAUCLAIR, J. *Dinâmica de Grupos: MOP – Metodologia de Oficinas Psicossocioeducativas*. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

CAIERÃO, I. Hora do jogo: a arquitetura lúdica como instrumento de avaliação psicopedagógica da criança. In: SCICCHITANO, R. M. J.; CASTANHO, M. I. S. (eds.). *Avaliação psicopedagógica: recursos para a prática*. Rio de Janeiro: Wak, 2013. p. 49-67.

FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada*. Tradução de Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERNÁNDEZ, A. *O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento*. Tradução de Neusa Kern Hichel. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERNÁNDEZ, Alicia. *Os idiomas do aprendente: análise de modalidade ensicantes em famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artemed, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GASPARI, M. A. Arteterapia institucional: ampliando as fronteiras das transformações. *Revista de Arteterapia* da AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo), v. 6, n. 2, p. 27-44, 2015. Disponível em: https://www.aatesp.com.br/resources/files/downloads/revista_v6_n2.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



- GRASSI, T. M. *Oficinas psicopedagógicas*. 2. ed. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.
- GUTTMANN, M. *Armando e o espaço*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MACEDO, L. *Ensaaios construtivistas*. 6 Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- MACEDO, L. *Ensaaios pedagógicos: como construir uma escola para todos?* Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MACEDO, L. Tempos de ensinar, aprender e conhecer. *30 Olhares para o Futuro* (Escola da Vila - 30 anos). São Paulo, 2010. p. 181-189. Disponível em: <https://bit.ly/3EekE8d>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. *Aprender com jogos e situações-problema*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. *Quatro cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PAÍN, S. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- PINGUELLI ROSA, Luiz. *Tecnociências e Humanidades: novos paradigmas, velhas questões*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- PINTO, A. A. S. As contribuições da arteterapia no aprimoramento do olhar sensível do educador. *Dissertação de Mestrado*. UNIFIEO, Osasco-São Paulo, 2021.
- POPPER, Karl R. *Conhecimento Objetivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- TROCMÉ-FABRE, H. *Reinventar o ofício de aprender: o único ofício sustentável atualmente*. Tradução de Mara Welferinger; Ilustrações de Thierry Huort. São Paulo: TRIOM, 2010.
- WADSWORTH, B. J. *Inteligência e Afetividade da criança na Teoria de Piaget*. Tradução de Esmeria Rovai; Supervisão Editorial Maria Regia Maluf. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Submetido em mês de janeiro 2024

Aprovado em mês de maio 2025

Informações do (a) (s) autor(a)(es)

Nome do autor: Claudio Neves Lopes

Afiliação institucional: Universidade Santo Amaro (UNISA)

E-mail: cnlopes@prof.unisa.br



ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1411-0174>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9077468651694064>

Informações do (a) (s) autor(a)(es)

Nome segundo autor Afiliação: Vera Lúcia Oliveira Ponciano

Afiliação institucional: Universidade Santo Amaro (UNISA).

E-mail: veraponciano@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0099-0839>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0129211583987754>